

# Freud - Édipo e castração

Cristina Álvares  
Universidade do Minho  
calvares@ilch.uminho.pt

## 1. O primado do falo

No período de latência, o que fica em latência (o que é recalcado) é a actividade sexual da criança. Mas em que consiste essa actividade sexual? Tínhamos visto que, nos *Três Ensaio*s, Freud define a sexualidade infantil através da pulsão. A estrutura perversa da pulsão (acéfala, parcial e autoerótica), representada pelas pulsões pré-genitais (oral e anal), é aquilo que distingue nitidamente a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Nesta, as pulsões estão subordinadas a uma síntese genital e concorrem para a realização do acto genital com um objecto exterior (um/a parceiro/a sexual). É o que ele chama o primado genital. Este primado genital está ao serviço da reprodução.

Porém, num texto de 1923, que se chama 'A organização genital infantil' (ver secção 'Conteúdos', pasta 'Édipo'), Freud revê a sua teoria da sexualidade infantil no sentido de a aproximar mais da sexualidade adulta. Ao fazer isto, Freud vai também aproximar o sexual do genital.

O primeiro elemento de aproximação diz respeito precisamente ao objecto exterior. Freud constata que desde muito cedo, a libido infantil investe objectos exteriores, o primeiro dos quais é a mãe. A tendência incestuosa da libido não é pois incompatível com a pulsão pré-genital. O que acontece é que não há (ou só há muito imperfeitamente) síntese e subordinação das pulsões ao primado genital. Mas Freud continua a aproximar a sexualidade infantil da sexualidade adulta. Mesmo se, no ponto máximo da maturação libidinal da criança, a síntese das pulsões sob o primado genital não acontece, o que é certo é que a curiosidade da criança pelos órgãos sexuais e pela actividade sexual – pela *coisa sexual* – adquire um relevo comparável ao dos adultos, traduzindo-se frequentemente na manipulação onanista (a masturbação sucede à pulsão na função de assegurar o autoerotismo (genital) infantil).

O que é que então distingue a sexualidade infantil da sexualidade adulta? A resposta de Freud é que, para as crianças dos dois sexos, só existe um órgão sexual que é o masculino. Enquanto que a sexualidade adulta é dominada pelo primado genital, a sexualidade infantil é dominada pelo primado do falo.

O primado do falo implica então que as crianças acreditam que todos os seres, independentemente do género, são providos de um falo. É esta crença na universalidade do falo que define a fase fálica ou edipiana. Nesta fase, marcada pela excitação constante, as crianças não (re)conhecem a diferença sexual.

É pois este imaginário infantil da fase fálica que distingue o sexual do genital. Notar a diferença entre este texto e os *Três Ensaio*s (1905), onde a diferença entre sexual e genital é bem mais ampla e assente na perversão da pulsão.

## 2. A castração

O Édipo é um processo que começa com a fase fálica e termina com a castração e a conseqüente introdução da criança no período de latência. A castração é uma operação estrutural que anula a universalidade imaginária do

falo e determina o reconhecimento da diferença sexual: os seres femininos, nomeadamente a mãe, não têm falo. A castração implica a 'des-falicização' do mundo (dos seres, do que existe). Acabou o mundo de fantasia em que tudo é possível, em que tudo goza (em que a satisfação total é possível).

Num outro texto da mesma época, 'O fim do complexo de Édipo', Freud explica que a ameaça de castração pesa frequentemente sobre as práticas masturbatórias da criança. A ameaça é enunciada pelas pessoas que cuidam dela, invocando a autoridade paterna: a ameaça de castração é enunciada em nome do pai. Ora, esta ameaça simbólica só por si não tem nenhum efeito. Ela só surte o efeito desejado (a renúncia ao prazer onanista) quando a criança constata ocasionalmente na realidade que de facto há seres em que o falo falta. Esta experiência real activa retroactivamente a significação da ameaça de castração. Em vez de um órgão, a falta; em vez do cheio, o vazio. A castração corresponde à assunção da falta, do negativo. Esta assunção é constitutiva (e constituinte) do sujeito.

Aqui encontramos a convergência da castração e do interdito do incesto: ambos se definem como a erecção de um negativo (o tempo da latência, do diferimento), de um vazio, de uma distância entre a libido e o objecto. A castração é uma operação estrutural e estruturante porque introduz o sujeito à realidade da diferença sexual. Ora, essa introdução à realidade da diferença sexual sustenta-se da distância entre desejo e objecto; mais concretamente, tratando-se do objecto materno, essa distância é tabu: o objecto é interdito, inacessível, e essa inacessibilidade é a condição para o sujeito encontrar mais tarde outros objectos. Mais, a erecção do negativo e a assunção da falta no ser (castração enquanto recalçamento chave) são operações estruturantes da subjectividade, na medida em que é através delas que o sujeito assume uma posição na ordem sexual e poderá na vida adulta desempenhar as suas funções sexuais.

### **3. O drama familiar e a renúncia à satisfação edipiano-onanista**

O processo edipiano exprime-se como a narrativização das relações do sujeito à mãe e ao pai. Neste drama familiar, o pai desempenha a função do rival, aquele que fica com a mãe só para ele, que tem o poder de gozar absolutamente e impede o filho de gozar: o papão. Esta função do rival faloforo (que anuncia já a do pai primitivo em 'Totem e Tabu') é uma função imaginária, na qual a criança se fantasia como estando ao mesmo nível que o pai-rival e tendo com ele uma relação simétrica. Mas o pai desempenha também uma função simbólica que tem a forma precisamente da ameaça de castração: uma frase dita em seu nome. É o pai ausente, o pai cuja existência é apenas verbal, lógica, o pai que representa o logos, a lei que organiza o sexual humano numa ordem e numa esfera de significações (o interdito do incesto). Esta função do pai é puramente simbólica e é apaziguante porque ela corta a excitação contínua da criança. No 'Fim do complexo de Édipo', Freud afirma que a actividade masturbatória da criança é a descarga genital do desejo incestuoso próprio da fase fálica. O imaginário edipiano oferece duas possibilidades de satisfação, uma activa e outra passiva: na primeira, o menino ocupa a posição do pai junto da mãe, enquanto na segunda ocupa a da mãe junto do pai. Mesmo tendo uma representação muito imperfeita do que é o acto

sexual, o menino sabe que o pénis tem uma função a desempenhar nele. Ora, a percepção da ausência do falo nas mulheres, ao activar a ameaça de castração, cria no menino a ideia angustiante de que as duas possibilidades de satisfação imaginária com os pais causam a perda do pénis: na primeira, como consequência da punição (o pai rival castrá-lo-ia); na segunda, porque a posição da mãe é a posição feminina, logo castrada. Por outras palavras, a satisfação edipiana custa o pénis. É certo que se trata aqui de cenários imaginários infantis mas são eles que enquadram e sustentam a satisfação libidinal da criança e é sobre eles que a castração vai agir. Como ? O menino renuncia à satisfação edipiana, desinvestindo os objectos parentais. Esta renúncia, afastando o perigo de o perder, permite-lhe conservar o órgão genital. Mas esta conservação ou preservação do órgão genital faz-se à custa da supressão do seu funcionamento, da sua latência. É a renúncia à masturbação que marca a entrada no período de latência. Assim, a castração enquanto operação estruturante da subjectividade desactiva o órgão, difere a sua actividade, para a tornar possível mais tarde (a partir da puberdade). Este órgão desactivado é o falo simbólico. A castração é a erecção do falo negativizado, a erecção de uma negatividade.